Os editores (PPGSA/UFRJ)

APRESENTAÇÃO

O primeiro número do volume 10 de *Sociologia & Antropologia* concretiza os primeiros dez anos da revista. Um balanço sistemático de nossa experiência intelectual na editoração científica foi publicado na última edição, no artigo "Tão longe, tão perto: *Sociologia & Antropologia* no limiar de uma década", assinado por André Botelho, Antonio Brasil Jr. e Maurício Hoelz – o editor responsável nos últimos dois anos, o atual editor responsável e o editor associado de S&A, respectivamente. Para a próxima etapa, também contamos com o trabalho editorial de Marco Antonio Gonçalves e com a assistência editorial de Julia O'Donnell e Rodrigo Santos. Registre-se aqui nosso profundo agradecimento aos colegas editores, que construíram uma trajetória ímpar na publicação das ciências sociais brasileiras; e também a toda a equipe de profissionais muito competentes que transforma os textos de nossos autores em comunicação científica pública e de qualidade.

Abre o número uma série de textos sobre o legado e os alcances heurísticos contemporâneos da obra do sociólogo alemão Niklas Luhmann, um dos mais desafiadores (e incontornáveis) autores do último terço do século XX. Iniciamos com a discussão de alguns desafios do atual cenário "pós-luhmanniano", entrevistando dois dos principais autores que aclimataram a teoria dos sistemas sociais ao contexto latino-americano: o brasileiro Marcelo Neves e o chileno Aldo Mascareño, que responderam por e-mail a um roteiro comum de perguntas elaborado por Sergio Pignuoli Ocampo e Antonio Brasil Jr. Em seguida, publicamos quatro artigos de autores latino-americanos que buscaram aprofundar temas de fronteira no interior do programa sistêmico. "Lineamientos para una sociología evolutiva de la diferenciación funcional en América Latina", de Hugo Cadenas e Aldo Mascareño, rediscute o conceito de "diferenciação funcional" de Luhmann à luz de uma análise histórico-evolucionária do contexto americano; Marco Estrada Saavedra, em "¿Qué hay de político en los movimientos sociales?", interpela a literatura corrente sobre os movimentos sociais com base em um conceito sistêmico do "político"; em "A performatividade da exclusão e as lutas por inclusão: questões distributivas a partir da teoria de sistemas sociais", João Paulo Bachur propõe uma reinterpretação teórico-discursiva da forma inclusão/exclusão orientada para o conflito; e, por fim, Juan Pablo Gonnet, em "Orden social, interacción y sociedad en Luhmann: perspectivas de método para la integración del conocimiento sociológico", sugere, via Luhmann, ultrapassar uma visão dualista das relações entre interação e sociedade e entre abordagens micro e macrossociológicas.

Dando sequência, mais cinco artigos: "Stefan Zweig in exile: a cosmopolitan citizen's interpretation of Brazil", de Marcos Chor Maio e Alejandra Josiowicz, analisa a interpretação da sociedade brasileira feita por Zweig em

Brasil, país do futuro, no interior de diferentes contextos intelectuais nacionais e transnacionais, situando ainda a experiência cosmopolita e no exílio do autor. Claudia Barcellos Rezende, em "Sentidos da maternidade em narrativas de parto no Rio de Janeiro", propõe uma interpretação das narrativas de parto entre mulheres brancas de camadas médias no Rio de Janeiro, perscrutando a conformação de uma configuração subjetiva que valoriza a corporalidade da maternidade. Jorge Mattar Villela, em "Memória e thanasimologia política no sertão de Pernambuco", investiga, por meio da análise de um ancestral de uma extensa família, como as famílias sertanejas criam histórias de si mesmas, incluindo seus monumentos, personagens célebres e formas de ritualização. Em "Stasis, motion and acceleration: the senses and connotations of time in *Raízes do Brasil* and *Sobrados e Mucambos* (1936)", Sergio Tavolaro discute as noções de tempo no ensaísmo da década de 1930 de Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre, mostrando como essas noções podem interpelar criticamente a imaginação sociológica sobre a modernidade e sua temporalidade. Por fim, Renan Springer de Freitas, em "The sociology of knowledge and its movements", discute os movimentos analíticos feitos pela sociologia do conhecimento tanto como disciplina acadêmica especializada quanto de forma "intrauterina", isto é, no interior de diferentes disciplinas, buscando a marca distintiva comum a ambas.

Logo em seguida, em nossa seção de memória, publicamos um texto de Renato Ortiz dedicado a Maria Isaura Pereira de Queiroz, que produziu obras de referência nas ciências sociais brasileiras em diferentes campos do conhecimento – sociologia política, sociologia rural, sociologia da cultura, estudos sobre cultura popular, para citar alguns –, além de ter formado várias gerações de pesquisadores. E, dando continuidade ao nosso esforço de recuperar a memória das ciências sociais no Rio de Janeiro e, mais especificamente, na Universidade Federal do Rio Janeiro (antiga Universidade do Brasil), publicamos entrevista feita por Thiago Lopes da Costa com Alzira Alves de Abreu, que relembra momentos fundamentais do funcionamento do Instituto de Ciências Sociais, à luz de sua participação na pesquisa seminal sobre os grupos multibilionários, nacionais e estrangeiros, com atuação no Brasil.

O número se encerra com duas resenhas: de *Medio siglo de sociología en Argentina. Ciencia, profesión y política (1957-2007)* (2018), de Juan Pedro Blois, escrita por Paola Bayle; e de *O retorno da sociedade: política e intepretações do Brasil* (2019), de André Botelho, escrita por Mariana Chaguri.

Ótima leitura!